

AFINAL, TRABALHAR PARA QUÊ?

Um sentido para a vida através
da atividade profissional.



FÓRUM
CRISTÃO DE
PROFISSIONAIS

AFINAL, TRABALHAR PARA QUÊ?

Um sentido para a vida através
da atividade profissional.

Ed René Kivitz



FÓRUM
CRISTÃO DE
PROFISSIONAIS

O ser humano está preocupado de forma última com seu ser e sentido [...] O ser humano está incondicionalmente preocupado por aquilo que condiciona seu ser para além de todos os condicionamentos que existem nele e ao redor dele. O ser humano está preocupado de forma última por aquilo que determina seu destino último para além de todas as necessidades e acidentes preliminares.

Há um lugar em que o incondicional está presente no mundo finito: nas profundezas da alma humana. Essas profundezas são o lugar onde o finito se toca com o infinito. A fim de lá chegar, o homem precisa despojar-se de todos os conteúdos finitos. Ele precisa renunciar todas as preocupações provisórias em prol da preocupação última.

Deus é a resposta à pergunta implícita na finitude do homem. Ele é o nome que damos àquilo que nos preocupa de forma última, pois tudo aquilo que preocupa o ser humano de forma última se torna deus para ele e, inversamente, um ser humano só pode estar preocupado de forma última por aquilo que, para ele, é deus.

[Paul Tillich]

ESPIRITUALIDADE NO MUNDO DO TRABALHO

A dimensão sagrada do trabalho e das corporações ganhou a consciência de pessoas no mundo inteiro. Centenas de artigos e livros que tratam da espiritualidade no mundo corporativo ocupam as mentes dos especialistas em business. Já não são raras as empresas que buscam no mercado consultores mais parecidos com gurus para a alma do que com administradores, gestores e empreendedores bem sucedidos.

Um dos maiores, senão o maior, *best seller* voltado para gestão e trabalho em equipe é um texto escrito por James Hunter, um pastor batista do interior dos Estados Unidos, que ganhou notoriedade no Brasil ao popularizar o modelo de liderança de Jesus, o conceito de “líder servo”, em seu livro *O monge e o executivo*.

O termo “espiritualidade” é amplamente utilizado, mas seu sentido ainda é difuso para a maioria das pessoas. Como disseram Laura Nash e Scotty McLennan, “buscas espirituais parecem estar em toda parte, mas não existem duas pessoas com a mesma definição de espiritualidade”.¹ Quem melhor me ajudou a entender o que se entende por espiritualidade e como ela se manifesta na experiência humana foi o teólogo alemão Paul Tillich (1886 – 1965).

Formado em teologia e filosofia, Tillich figura entre os mais destacados intelectuais do idealismo alemão do século XX. Em razão de sua posição anti-nazista, foi destituído de sua cátedra em Frankfurt, em 1933, e se transferiu para os Estados Unidos, onde passou a lecionar e proferir palestras em universidades, como Columbia, Harvard e Chicago. Seu compromisso com o socialismo e o ecumenismo o levou a

1- Laura NASH e Scotty McLENNAN. Igreja aos domingos, trabalho às segundas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

dialogar com lideranças políticas, acadêmicas e religiosas de grande proeminência. É considerado um teólogo da cultura, pois através do método da correlação, essencial e indispensável eixo no seu pensamento, Tillich faz a teologia dialogar com as outras formas de saber, especialmente a filosofia.

O elemento fundamental da reflexão de Tillich a respeito de religião e, especialmente, espiritualidade é a “preocupação última [do ser humano] com o fundamento e sentido do ser”.² Seguindo a trilha de outros teóricos conceituados como Rudolf Otto, Mircea Eliade e Friedrich Schleiermacher, Tillich estabelece relações entre as vivências fundantes da experiência de sentido da/na existência. Quando o ser humano vivencia uma manifestação do sagrado (Otto), chamada de hierofania (Eliade), imediatamente é inundado de um sentimento de dependência incondicional (Schleiermacher) ou estado de sentimento de criatura (Otto), acompanhado de um sentimento de terror místico e fascínio, pois se percebe diante do *mysterium tremendum* (Otto). Esse fenômeno, que mistura o sagrado com a sensação de finitude e assombro diante de algo desconhecido e extraordinário, até mesmo amedrontador, mas também absolutamente desejável, insere o ser humano na esfera do divino – a dimensão da sua preocupação última.

“O sagrado é a qualidade daquilo que preocupa o ser humano de forma última”, diz Tillich. “Somente aquilo que é sagrado pode dar ao ser humano uma preocupação última, e somente aquilo que confere ao ser humano uma preocupação última possui qualidade de santidade (sacralidade)”.

A manifestação e a experiência do sagrado, portanto, colocam o ser humano diante de sua preocupação última. Mas, qual é o conteúdo de nossa preocupação última? O que de fato nos preocupa incondicionalmente? Tillich responde que “nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não ser (...) nada que não tenha o poder de ameaçar e salvar nosso ser pode ser para nós preocupação última. O termo ‘ser’, neste contexto, não designa existência no tempo e no espaço. A existência é continuamente ameaçada e salva por coisas e eventos que não são de preocupação última para nós. O termo ‘ser’ significa a totalidade da realidade humana, a estrutura, o sentido e a finalidade da existência. Tudo isso está ameaçado e pode ser perdido ou salvo. O ser humano está preocupado de forma última com seu ser e sentido. ‘Ser ou não ser’, neste caso, é uma preocupação última, incondicional, total e infinita. O ser humano está infinitamente preocupado pelo infinito ao qual pertence, do qual está separado e pelo qual anseia. O ser humano está preocupado pela totalidade que é seu verdadeiro ser e que está rompida no tempo e no espaço. O ser humano está incondicionalmente preocupado por aquilo que condiciona seu ser para além de todos os condicionamentos que existem nele e ao redor dele. O ser humano está preocupado de forma

2- *Ibid.*, p. 57.

última por aquilo que determina seu destino último para além de todas as necessidades e acidentes preliminares”.³

Para Tillich, “*Deus é a resposta à pergunta implícita na finitude do homem. Ele é o nome que damos àquilo que nos preocupa de forma última*”,⁴ pois “*tudo aquilo que preocupa o ser humano de forma última se torna deus para ele e, inversamente, um ser humano só pode estar preocupado de forma última por aquilo que, para ele, é deus*”.⁵ Toda vez, portanto, que o ser humano está diante da possibilidade da perda do seu ser e sentido, está diante do que o preocupa de forma última e, exatamente por isso, está diante do sagrado, do infinito, confrontado pelas limitações do tempo e do espaço, sendo precisamente nesse limiar que se manifesta sua dimensão espiritual. Expressões como “ser e sentido”, “infinito ao qual pertence, do qual está separado e pelo qual anseia”, “totalidade que é seu verdadeiro ser e que está rompida no tempo e no espaço” e “destino último” extrapolam o domínio da religião institucionalizada e fincam seus pés no ambiente da secularidade, pois mesmo o ser humano despido de sentimento religioso vive a angústia de sua finitude, isto é, vive o que é próprio da espiritualidade.

“Ao indagar pelo sentido do ser”, observa Tillich, “a teologia busca o fundamento supremo, o poder, a norma e o alvo do ser [...] Indaga também pelo poder ameaçador e promissor, pela norma exigente e julgadora, e pelo rejeitador e, ao mesmo tempo, realizador da minha existência. Em outras palavras: ao indagar pelo sentido do ser, a teologia [e o ser humano] busca Deus”.⁶

É nessa dimensão de pergunta a respeito do ser e todas as tensões nela embutidas que se manifesta a espiritualidade humana, pois o espírito é “a dimensão da vida que une o poder de ser ao sentido de ser”.⁷ O espírito é a dimensão da vida que se manifesta na busca da superação do limite da finitude humana e encontro com o que não pode ser encontrado: o incondicional.⁸ Os místicos afirmam que “*há um lugar em que o incondicional está presente no mundo finito: nas profundezas da alma humana. Essas profundezas são o lugar onde o finito se toca com o infinito. A fim de lá chegar, o homem precisa despojar-se de todos os conteúdos finitos. Ele precisa renunciar todas as preocupações provisórias em prol da preocupação última*”.⁹ A espiritualidade, portanto, se manifesta nesse encontro entre o finito e o infinito nas profundezas do ser humano.

A pergunta pelo sentido da existência e pelo sentido humano de existir é uma pergunta espiritual. Isso distingue o ser humano dos bichos e das coisas. E isso é o que revela que o ser humano é um ser espiritual, o que exige a atenção às realidades da espiritualidade.

3- Paul TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 31

4- *Ibid.*, p. 219.

5- *Ibid.*, p. 219.

6- *Ibid.*, p. 115.

7- Paul TILLICH, *Teologia Sistemática*, p. 567.

8- Paul TILLICH, *Dinâmica da fé*, p. 40.

9- *Ibid.*, p. 43.

A CORAGEM DE SER

A preocupação suprema do ser humano encontra-se no limiar entre o ser e o não-ser, isto é, na possibilidade da perda do sentido humano de ser e existir. Tillich considera que somente Deus pode ser a resposta para essa preocupação suprema. Primeiro, porque somente Deus, o Ser em Si, atende a essa necessidade de realizar e afirmar o ser diante do não-ser. Em segundo lugar, porque na vivência humana tudo quanto atende a essa necessidade passa a ser encarado como um deus. Qualquer outro objeto de resposta à preocupação suprema que não seja infinito, incondicional, implica idolatria, isto é, *“a elevação de uma preocupação preliminar (secundária) à ultimidade. Algo essencialmente condicionado é considerado como incondicional, algo essencialmente parcial é elevado à universalidade, e algo essencialmente finito é revestido de significado infinito”*.¹⁰

Na busca de afirmação do ser, isto é, escapar do não-ser, enquanto luta para não perder o sentido humano de ser, o ser humano pergunta-se não apenas “o que é o ser?”, como também indaga-se a respeito do vir a ser: como realizar nosso ser em nossa situação concreta? Essa é a questão ontológica posta em termos existenciais, esse é o tema da predileção de Paul Tillich, conforme observa-se em sua afirmação: “o fato de que o ser humano jamais está satisfeito com qualquer estágio de seu desenvolvimento finito, o fato de que nada finito pode retê-lo, embora a finitude seja seu destino, indica a relação indissolúvel de tudo o que é finito com o Ser-em-si. O Ser-em-si não é a infinitude; é aquilo que está além da polaridade de finitude e autotranscendência infinita. O Ser-em-si se manifesta ao ser finito no impulso infinito do finito por transcender a si mesmo”.¹¹

Toda vez que o ser finito aspira à infinitude, na verdade, está respondendo a uma manifestação do ser infinito, o Ser-em-si. A experiência da espiritualidade no ser humano consiste em sua aspiração à infinitude. Essa aspiração à infinitude é uma evidência da realidade do Ser-em-si, do ser infinito, pois de que ser finito derivaria a idéia de infinitude? Mais do que isso, por que um ser finito, que não estivesse sob a influência de um ser infinito, sofreria sua finitude? A espiritualidade ganha dimensões ontológicas, isto é, próprias da natureza do ser, independentemente de sua realidade existencial. Sofrer a finitude e ambicionar a infinitude é um anseio do qual o ser humano não consegue escapar. Nessa angústia revela-se sua espiritualidade. Para Tillich, o espírito é uma dimensão da natureza humana, mais exatamente a dimensão da vida que une o poder de ser com o sentido de ser,¹² o que implica a necessidade de se encontrar o sentido humano de existir, mais que a mera existência.

10- Paul TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 30.

11- *Ibid.*, p. 199, 200.

12- *Ibid.*, p. 567.

A *coragem de ser* é o conceito de Tillich que responde a essa tensão humana permanente entre ser e não-ser, existir e existir com sentido, resignar-se ante a finitude ou aventurar-se na direção da realização, efetivação do ser. Coragem é a auto-afirmação do ser a despeito do não-ser, a despeito daquilo que tenta impedir o eu de se afirmar.¹³

Diante da consciência da possibilidade do não-ser, isto é, perder o ser e o sentido humano de existir, o ser humano experimenta a ansiedade como “consciência existencial do não-ser”.¹⁴ Essa ansiedade não é meramente filosófica, mas real, isto é, a infinitude humana (angústia ontológica) é experimentada por todos e pelos seres humanos como sua própria finitude (ansiedade existencial). A ansiedade é uma resposta à ameaça da perda do sentido humano da existência, uma ameaça que, uma vez, efetivada, levaria o ser humano ao existir sem sentido. Tillich resume as ameaças e as ansiedades da seguinte maneira: “sugiro que distingamos três tipos de ansiedade de acordo com as três direções nas quais o não-ser ameaça o ser. O não-ser ameaça a auto-afirmação ôntica¹⁵ do homem, de modo relativo, em termos de destino, de modo absoluto em termos de morte. Ameaça a auto-afirmação espiritual do homem, de modo relativo em termos de vacuidade, de modo absoluto em termos de insignificação. Ameaça a auto-afirmação moral do homem, de modo relativo em termos de culpa, de modo absoluto, em termos de condenação”.

AUTO-AFIRMAÇÃO	AMEAÇA RELATIVA	AMEAÇA ABSOLUTA
ÔNTICA	Destino	Morte
ESPIRITUAL	Vacuidade	Insignificação
MORAL	Culpa	Condenação

DESTINO E MORTE

O ser, em sua dimensão ôntica, isto é, em sua simples existência, é ameaçado pelo não-ser em termos absolutos pela morte e em termos relativos pelo destino. A morte é a extinção biológica. A morte é inexorável. Todo ser humano convive com a certeza de sua morte. A morte implica a angústia – ansiedade da finitude. É a ansiedade, ou medo da morte, que dá a todas as outras ansiedades sua seriedade básica.¹⁶ Não fosse a consciência de sua morte, o ser humano viveria sem

13- Paul TILLICH, *A coragem de ser*, p. 68.

14- *Ibid.*, p. 28.

15- Ôntico é referente ao “ente”, enquanto ontológico é referente ao “ser”. O *ente* é representação do *ser*. O *ente* é particularização do *ser*. O “ser mesa” é diferente do “ente mesa”. O “ente mesa” é uma mesa específica, particular, em relação à idéia de mesa, isto é, o “ser mesa”. Para aprofundar a compreensão do tema, ver Martin HEIDEGGER. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

16- *Ibid.*, p. 34.

temores das ameaças menores, ou, no mínimo, as enfrentaria de maneira mais corajosa. Em termos simples, não fosse a possibilidade da morte, enfrentaríamos melhor o sofrimento causado pela doença.

O destino, por sua vez, é o caráter contingente da existência. Contingente é o oposto do que é determinado ou pré-determinado, como uma sucessão de fatos que, inevitavelmente, devem acontecer, dando contornos inevitáveis à experiência particular de cada ser humano independentemente de suas escolhas e decisões. Paul Tillich chama de destino aquilo que possui caráter de imprevisibilidade, aparentemente despido de significação e propósito. O destino é irracional, está vestido de uma impenetrável escuridão, não pode ser deduzido logicamente.¹⁷ Aleatoriedade é uma forma de adjetivar o destino. Isto é, a vida é cheia de acontecimentos que não têm necessidade fundamental, isto é, tanto faz se acontecem ou não, e não existe necessariamente uma explicação para acontecerem ou deixar de acontecerem. O destino se constitui uma ameaça porque a morte se esconde atrás dele.¹⁸ O destino é uma ameaça relativa, sendo a morte a ameaça absoluta escondida atrás dele.

Para encontrar ou construir o sentido de sua existência, o ser humano precisa enfrentar os objetos do destino que dão concreção à ameaça da morte. Precisa se dispor a viver sem medo diante da realidade inexorável da morte. Trata-se da escolha entre viver morrendo ou morrer vivendo. Quem exerce a coragem de ser opta por morrer vivendo. Viver enquanto a morte se aproxima, em vez de morrer antes de a morte chegar.

VACUIDADE E INSIGNIFICAÇÃO

Assim como a existência biológica é ameaçada pelo destino e pela morte, a existência espiritual é ameaçada pela vacuidade, em termos relativos, e pela insignificação, em termos absolutos. *“O ser do homem inclui sua relação com as significações. Ele é humano só por compreender e moldar a realidade, seu mundo é ele, de acordo com significados e valores.”*¹⁹ Isso pode ser deduzido do fato de o ser humano preferir jogar fora sua existência a viver sem sentido. O ser humano sacrifica sua simples existência em favor de um significado que lhe dê o sentido humano de existir, como se pode observar na morte dos mártires. A ausência de sentido, que Tillich chama de vacuidade, é uma ameaça ao ser espiritual. Nesse aspecto, o termo espiritual é usado para referir aquilo no ser humano que o faz aspirar mais que a mera existência biológica.

A auto-afirmação espiritual ocorre sempre que o ser humano é capaz de exercer influência sobre sua realidade, isto é, quando é capaz de exercer seu potencial criativo. A ação criativa não significa necessariamente o papel desempenhado pelos gênios. Criar é afetar a realidade, é participar na

17- *Ibid.*, p. 34-35.

18- *Ibid.*, p. 35.

19- *Ibid.*, p. 39.

atribuição de significado à existência, e também desfrutar da existência percebendo ou participando de seu significado. “*Uma tal participação é criadora na medida que muda aquilo do qual se participa, mesmo se em porções muito pequenas.*”²⁰

A vacuidade é a experiência de sucessivamente saltar de um objeto de devoção para outro, produzindo na pessoa um senso de indiferença ou aversão. Na transferência de afetos e paixões que não se concretizam, o ser humano encontra a frustração. “Tudo é tentado e nada satisfaz (...) A ansiedade da vacuidade conduz ao abismo da insignificação.”²¹ Na dimensão espiritual, o ser é ameaçado pelo não-ser, quando a completa ausência de conteúdo nos *detalhes* da existência sugere a ausência de sentido para a *totalidade* da existência. Um trabalho vazio, um romance sem sentido, uma existência despida de significado, por exemplo, podem gerar a sensação de que viver não vale a pena. Diante dessas ameaças, a coragem de ser é exercida mediante a participação criadora e criativa no desfrute da realidade e na construção do mundo. Criar é dar sentido às experiências cotidianas: a família, as amizades, o trabalho.

CULPA E CONDENAÇÃO

O não-ser ameaça o ser também de um terceiro lado, a saber, a dimensão moral do humano. “O ser do homem não só é dado a ele mas também reclamado dele. Ele é responsável por ele próprio; literalmente, exige-se que responda, se perguntado, o que fez de si próprio.”²² A ameaça do não ser à dimensão moral é, em termos relativos, a culpa e, em termos absolutos, a auto-rejeição ou a condenação.

O homem é livre em termos finitos. Não é absolutamente livre, pois é fruto de um destino, de causas não fundamentais: depende do lugar onde nasceu, a família com que cresceu, a cultura em que foi criado, as oportunidades e dificuldades que enfrentou na vida. O ser humano é livre dentro de suas contingências. Mas dentro de seu contexto espacial e temporal, no mundo em que lhe é dado viver, é chamado a decidir, agir criativamente e participar da construção da história e da realidade. “Em cada ato de auto-afirmação moral, o homem contribui para a realização de seu destino, para a realização do que ele é potencialmente.”²³ Quando se extravia, se exime de sua responsabilidade e nega-se a construir seu destino por fuga, senso de incapacidade ou covardia, o homem experimenta o vaticínio de sua consciência como culpa. O desespero de haver perdido seu destino conduz da culpa à completa auto-rejeição ou condenação. Para encarar essa ameaça do não-ser, o homem pode desenvolver um anomalismo, isto é, buscar existir independentemente de quaisquer imperativos morais,

20- *Ibid.*, p. 36.

21- *Ibid.*, p. 37.

22- *Ibid.*, p. 40.

23- *Ibid.*, p. 40.

ou também o legalismo, impor a si mesmo um rigor moral inatingível, que cedo ou tarde o conduzirá ao desespero.

As três ansiedades - ôntica, espiritual e moral - estão intrincadas de forma inseparável e afetam-se mutuamente. A simples existência vulnerabiliza o ser humano diante das contingências. Para lidar com a brevidade e finitude da existência, urge encontrar sentido, significado e propósito na realidade, e, para tanto, é necessário participar criativamente, quer seja para desfrutar quanto para construir e atribuir conteúdo à existência.

A responsabilidade de lidar com a liberdade, ainda que não infinita, justifica a necessidade de valores e critérios norteadores da ação criativa. Em suas dimensões ôntica, espiritual e moral, o não-ser ameaça o ser de formas relativa e absoluta. Exercer a coragem de ser é assumir a responsabilidade pelo destino individual, seu conteúdo e seu valor. O ser humano trabalha para construir o novo mundo, inclusive seu próprio mundo, que existe dentro de si mesmo.

A resposta à pergunta “afinal, trabalhar para quê?” pode ser encontrada na relação entre espiritualidade, sentido e trabalho. Para melhor compreensão dessa relação, observe as seguintes afirmações:

.O ser humano sacrifica sua simples existência em favor de um significado que lhe dê o sentido humano de existir. A ausência de sentido é uma ameaça ao ser espiritual. O termo espiritual é usado para referir aquilo no ser humano que o faz aspirar mais que a mera existência biológica.

.O ser do homem inclui sua relação com as significações. Ele é humano só por compreender e moldar a realidade, seu mundo é ele, de acordo com significados e valores. [Tillich]

.A coragem de ser é exercida mediante a participação criadora e criativa no desfrute da realidade e na construção do mundo.

.Criar é dar sentido às experiências cotidianas (inclusive o trabalho).

.Criar é afetar a realidade, é participar na atribuição de significado à existência, e também desfrutar da existência percebendo ou participando de seu significado.

.Uma tal participação é criadora na medida que muda aquilo do qual se participa, mesmo se em porções muito pequenas. [Tillich]

.O ser humano trabalha para construir o novo mundo, inclusive seu próprio mundo, que existe dentro de si mesmo.

O SENTIDO DO TRABALHO

O trabalho tem uma dimensão sagrada. De acordo com Mehl-Koehnlein, o trabalho “é a energia ativa do próprio Deus que constitui o protótipo do trabalho (...) o trabalho corresponde à ordem divina das coisas. Às obras de Deus correspondem as obras dos homens. O primeiro homem foi colocado no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo. O trabalho é a atribuição normal prescrita para o homem pelo criador. É por meio do trabalho que Deus associa o homem à sua obra criadora. É o sinal pelo qual Deus atesta que o homem é seu colaborador. O trabalho faz, pois, parte das disposições da sabedoria divina. Toda a criação trabalha. A ociosidade é condenada. O trabalho é ordem expressa de Deus ao homem. Desta forma, pois, o trabalho do homem é bom, enquanto for a resposta a esta ordem e se inspirar na obra de Deus”.²⁴

A visão negativa a respeito do trabalho não consta da matriz original da tradição judaico-cristã. A narrativa do Gênesis, na Bíblia Sagrada, deixa claro que o trabalho é a forma como o ser humano coopera com Deus para colocar ordem no caos, sendo essa a maneira como participa da força criativa de Deus. A figura bíblica da expulsão do paraíso, lançando o ser humano em uma terra árida e seca, que produz espinhos e ervas daninhas, redimensiona a relação humana com o trabalho, sendo acrescido o suor do rosto para o direito ao pão. Na perspectiva judaico-cristã, o trabalho em si não é mau. Mau, ou tocado pelo mal, é o ambiente onde o trabalho se desenvolve. Daí a necessidade do desenvolvimento de formas, processos e ordem na própria atividade produtiva.

Consciente dessas verdades, o homem alienado pelo trabalho, descrito por Karl Marx, rebela-se cada dia mais. Agora, já não é suficiente trabalhar, é preciso que o trabalho seja fonte de sentido e significado, isto é: (1) seja feito de maneira eficiente e gere resultados, (2) seja intrinsecamente satisfatório, (3) moralmente aceitável, (4) fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, (5) garanta segurança e autonomia, (6) mantenha as pessoas ocupadas, dando-lhes uma rotina dentro da qual se possa organizar a vida; conforme a conclusão de Morin, após extensa pesquisa, na qual entrevistou mais de 500 estudantes de administração e 70 administradores, publicada na *RAE Executivo*, revista acadêmica da Fundação Getúlio Vargas.²⁵

Aspectos como organização do trabalho, sentido do trabalho e existência significativa estão interligados.²⁶ A ênfase

24- J. J. Von ALLMEN. Vocabulário bíblico. São Paulo: Aste, 1972.

25- Estelle MORIN, *Os sentidos do trabalho*. In: *ERA Executivo*, ago/set/out 2002, p.73,74.

26- A literatura que enfoca a busca de sentido no trabalho é crescente. Como exemplo, veja Karen SCHULTZ, *When work means meaning*. Forlaget Akademia: 2005; Bob BUFORD, *A arte de virar o jogo no segundo tempo da vida*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005; Roberto TRANJAN, *Pegadas*. São Paulo: Editora Gente, 2005; Jonathon LAZEAR, *O homem que confundiu seu trabalho com a vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. Robin SHARMA, *O monge que vendeu sua ferrari*. Campinas: Verus, 2002.

na espiritualidade no mundo corporativo é descrita pela jornalista Daniela Lacerda como “uma resposta à alarmante crise existencial que assola o mundo corporativo (...) Muitos profissionais já não se satisfazem apenas com a perspectiva de bater metas e receber um gordo bônus no final do ano. Não querem mais atuar numa empresa que tem valores tão diferentes dos seus. Não estão mais dispostos a abrir mão da vida pessoal (...) Nesse cenário turbulento, a espiritualidade desponta como um caminho para uma relação mais saudável entre os funcionários e as empresas em que atuam, considerando o trabalho como parte de algo que transcende os aspectos materiais e contempla, também, as dimensões psíquicas, sociais e espirituais”.²⁷

Estamos diante de uma geração que não mais se dispõe a exercer um trabalho mecânico e desenvolver uma existência desprovida de sentido em troca de algum conforto e aumento do poder de compra. O relato de Jerry Rubin, líder da juventude americana esquerdista na década de 1960 deveria ter sido ouvido há mais tempo:

*“Papai olhou sua casa, seu carro e seu gramado impecável e estava orgulhoso. Todas as suas posses materiais justificavam sua vida. Ele tentou ensinar seus filhos: disse-nos que não fizéssemos nada que nos conduzisse para fora da trilha do sucesso. E ficamos confusos. Não descobrimos, por que necessitávamos trabalhar para possuir casas maiores? Automóveis maiores? Maiores gramados impecáveis? Ficamos loucos. Não podíamos agüentar mais”.*²⁸

Essa percepção faz Garcia-Zamor afirmar que o movimento de espiritualidade é uma reação à ganância da sociedade capitalista, na qual as pessoas fazem dinheiro, mas estão infelizes.²⁹ Ricardo Antunes comenta o surgimento de uma geração que não está mais disposta a viver “privando-se do ser por um excedente de *ter*”.³⁰

A OBRA DO SENHOR

“Escravos, obedecam em tudo a seus senhores terrenos, não somente para agradar os homens quando eles estão observando, mas com sinceridade de coração, pelo fato de vocês temerem ao Senhor. Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo. [Colossenses 3.22-24]

Dentre as recomendações do apóstolo Paulo aos que desejam encontrar sentido – direção e significado – em sua

27- Daniela LACERDA, O líder espiritualizado. *Revista VOCÊ S.A.*, abril de 2005.

28- Bárbara EHRENREICH. O medo da queda. São Paulo: Scritta, 1994.

29- Jean-Claude GARCIA-ZAMOR. Workplace Spirituality and Organizational Performance, *Public Administration Review*; May/June 2003, ABI/INFORM Global.

30- Ricardo ANTUNES. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

atividade e carreira profissional, uma delas se destaca, sendo na verdade suficiente para oferecer um fundamento seguro para a experiência do trabalho: o trabalho é um serviço prestado a Deus – *é a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo*.

Evidentemente, o apóstolo Paulo não estava dizendo que todo trabalho é um serviço prestado a Deus, mas que o serviço a Deus é o critério de valor para o trabalho significativo. O teólogo Paul Stevens faz a distinção entre o trabalho que possui valor intrínseco e o que possui valor extrínseco. Um trabalho que tem valor extrínseco vale pelo que ele produz: dinheiro, prestígio, e até mesmo recursos para obras humanitárias. Um trabalho que tem valor intrínseco vale por si mesmo. O trabalho com valor intrínseco é aquele através do qual servimos a Cristo e cooperamos com Deus na qualidade de administradores de sua criação. Stevens enfatiza que “um trabalho com valor intrínseco não é determinado por seu caráter religioso ou pelo fato do nome de Deus ser usado nele abertamente”.³¹ Eis os critérios de Stevens para o trabalho com valor intrínseco, o trabalho como serviço a Deus e seu Cristo.

1. O trabalho com valor intrínseco precisa ser ordenado por Deus, isto é, deve estar alinhado com o chamado “mandato cultural” expresso em Gênesis 1.28: povoar e sujeitar a terra, exercendo domínio sobre a criação. Nesse sentido, o trabalho deve “desenvolver o potencial da criação e cuidar das pessoas como quem cuida da imagem do próprio Deus”, diz Stevens.
2. O trabalho com valor intrínseco precisa estar sincronizado com o propósito de Deus. Stevens diz que “o propósito de Deus não é que os seres humanos se tornem anjos, nem mesmo religiosos, mas que se tornem completamente humanos [...] e nos tornamos totalmente humanos relacionando-nos com Deus e construindo uma comunidade humana [...] (nosso) futuro não é tornar-me uma alma imortal lá em cima no céu – isso é idéia dos gregos – mas uma pessoa completamente ressurreta em uma criação inteiramente renovada, em um novo céu e uma nova terra”.
3. O trabalho com valor intrínseco precisa ser virtuosamente comprometido – à maneira de Deus. Stevens cita o que o teólogo Karl Barth chama de trabalho bom, humano e virtuoso:
 - . o critério da *objetividade*: tem que ser um trabalho que vai fundo no coração e na alma, um trabalho que “pega” você.
 - . o critério do *valor*: precisa contribuir para o avanço ético e estético da existência humana.

31- Paul STEVENS. *Deus e o mundo dos negócios*. Brasília: Editora Palavra; Viçosa: Editora Ultimato, 2008.

- . o critério da *humanidade*: trabalhos que usam e abusam de pessoas como meros instrumentos estão fora.
 - . o critério da *flexibilidade*: inclui contemplação e reflexão (hoje diríamos: criatividade e inovação)
 - . o critério da *limitação*: precisa respeitar o Dia do Descanso.
4. O trabalho com valor intrínseco precisa ter um valor duradouro. Para que seja duradouro, deve estar revestido das chamadas virtudes teologais, que permanecem para sempre: fé, esperança e amor. Nesse caso, o trabalho com valor intrínseco é definido muito mais por como é feito do que pela atividade em si, embora algumas atividades estejam absolutamente fora de questão, como já destacado.

UMA RESPOSTA

Trabalhamos para construir um novo mundo, inclusive o nosso, que começa dentro de nós. O novo mundo é inspirado no novo céu e na nova terra, a utopia de Jesus em seu anúncio do Reino de Deus, um reino de justiça, paz e alegria, um reino de *shalom*: prosperidade de tudo para todos, que começa aqui e agora e se concretiza definitivamente ali e além, tem seu início na história e se consuma na eternidade.

Mas o novo mundo nos afeta pessoalmente, e é também o nosso mundo, a nossa prosperidade, o ambiente de prosperidade para nós mesmos e os que estão ao nosso redor, especialmente nossa família e comunidade de amigos. É com o nosso trabalho que temos pão à mesa e mesa farta, para nós e para os nossos. E quanto mais abrangente esse universo que chamamos nosso, quanto mais pessoas forem incluídas nas fronteiras do “nosso mundo”, mais profunda e abrangente será nossa experiência do Reino de Deus.

O novo mundo, que construímos a partir do nosso horizonte de influência, começa dentro de nós. E para isso trabalhamos, pois enquanto construímos o novo mundo construímos também a nós mesmos como cidadãos do novo mundo: “o operário faz a coisa e a coisa faz o operário”, já dizia o poeta.

Seja o nosso trabalho expressão do novo mundo de Deus, o Reino de Deus, sobre nós, por nós, em nós, a nosso favor e ao nosso redor.



Local e mais informações:

Igreja Batista de Água Branca | Rua Robert Bosch, 116
Barra Funda | 01141-010 - São Paulo - SP

fcpl@ibab.com.br | www.forumcristaoprofissionais.com
twitter.com/forumcristao

facebook.com/forumcristao